



ALLEMANHA — DRESDE.

DRESDE ou Dresden, capital do reino de Saxonia, agradavelmente situada sobre o Elba, é uma das mais importantes e das mais formosas cidades da Alemanha.

Divide-se a capital saxônica em cidade *nova* e *velha*, como acontece naturalmente em todas as povoações de antiga fundação: com os arrabaldes, dos quaes os de mais importancia se denominam de Newstadt, e de Friedrichstadt, não contém Dresde, segundo um calculo moderado, menos de 80:000 habitantes.

Dentro da cidade contam-se dezoito igrejas, das quaes dezeseis são consagradas ao culto protestante: apontam-se como mais notaveis a que tem a invocação de *Nossa Senhora*, construida sob o modelo da igreja de S. Pedro de Roma, onde se admira um primoroso orgão; obra do famoso Silbermanu; e a de *Sophia*, erigida, em parte, no anno de 1602, por uma princeza d'este nome, viuva de Christiano I, que é rica de esculpturas, e entre todas singular pela fabrica de um dos seus altares, ornado com algumas columnas, que se assevera terem pertencido ao templo de Jerusalem, d'onde as trouxera, em 1476, o duque Alberto. A igreja catholica é tambem um edificio grandioso e esplendidamente decorado.

VOL. III. — 3.^a SERIE.

O palacio real é vastissimo; a irregularidade da sua architectura, e os graves defeitos que se notam nas suas fachadas ficam bem compensados com a magnificencia do interior. Poucas residencias reais haverá na Europa, que contenham tantas preciosidades como as dos monarchas saxônicos; encontram-se ali numerosas galerias de quadros dos melhores autores, dispostas com o mais apurado gosto e critica, muitos vasos etruscos, estatuas e esculpturas, uma collecção dos monumentos mais raros da arte typographica, e outros objectos de muita curiosidade e primor.

N'outra ordens de construcções devemos mencionar a forte e elegante ponte que une as duas margens do Elba, a qual tem de comprimento mil e oitocentos pés, e a alfandega que é vasta, e offerece todas as proporções, que podem desejar-se em estabelecimentos d'esta ordem.

Dresde tem cinco hospitaes, não contando o hospicio dos orphãos e o dos engeitados. Muitos outros institutos de beneficencia se encontram n'esta capital; nem são menos numerosos os que se destinam á educação e instrucção elementar, professional e superior.

NOVEMBRO 18. 1854.

PROSADORES PORTUGUEZES.

O PADRE MANOEL BERNARDES.

(1644 — 1710).

IV.

A REPUTAÇÃO dos escriptos de Manuel Bernardes, como notamos; foi por muito tempo inferior ao seu merecimento.

Uns não o conheciam, outros conheciam-no mal; e para isso concorreu o genero a que se dedicou.

Era necessario algum valor para abrir aquelles volumes asceticos e theologicos, e para vencer o susto, que a severidade dos assumptos inspira.

Houve entretanto quem se abalancasse a fazel-o, e desde esse momento viu-se que as riquezas compensavam largamente a fadiga.

No meio dos labyrinthos de argumentos e de citações, encontram-se a miudo quadros alegres na prespectiva e no desenho.

Aonde menos se esperava descobriram-se oásis cheios de amenidade.

A imaginação achou logares deleitosos aonde descansar. O gosto marcou trechos admiraveis pela viveza e correcção.

A' medida que se progredia, posto de parte algum enfado, foi-se percebendo que a viagem seria mais do que paga pelos thesouros, que encerravam tantas minas virgens; e d'ahi por diante as obras de Bernardes saíram do esquecimento, e pouco a pouco ganharam o conceito devido.

Quem as estudou, e conseguiu familiarisar-se no seu trato, não pode deixar de repellir a opinião de Candido Lusitano, já citada.

Longe de observar a imitação de Vieira, pura invenção de Freire, observa um estylo rico, matizado se o objecto o pede, singelo sempre, e acomodado aos pontos sobre que discorre.

Comparados os dous, sente-se logo a immensa distancia que os separa, e o absurdo de estabelecer entre elles falsas competencias, ou analogias.

O sr. Castilho definiu com grande tacto, e resumidamente o que os aproxima, e o que os distingue. «Vieira (diz o auctor da *Primavera*) fazia a eloquencia; a poesia procurava a Bernardes. Em Vieira morava o genio; em Bernardes o amor, que em sendo verdadeiro, é tambem genio.»

Ambos eram engenhosos no discurso, puros e esmerados na expressão; eis a similhaça. No mais, acrescenta ainda o sr. Castilho, pareciam-se como entre si se podem parecer duas arvores de especies diversissimas!

É da maior exactidão.

O jesuita, mestre da lingua sem rival, e a muitos respeito unico, não podia ter com o congregado, senão a afinidade das prendas, que constituem o verdadeiro estylo classico.

Dado aos negocios, e habil em os dirigir, amigo de emprezas temerarias, e sequioso de novidades e applausos, debaixo da rospeta pulsa-lhe o coração mundano, e nos mais altos vãos da sua eloquencia vê se baixar a aguia das espheras celestes para os cuidados e interesses da terra.

No pulpito não tira os olhos do auditorio. Nas missões tanto olha para os homens como para Deus. Estadista julga as cousas com a consciencia facil dos politicos: individuo busca a reputação, preza a influencia, ama a corte e o favor dos principes, aneia os triumphos e as victorias do talento em todos os circos, e com todas as armas.

Bernardes não. É o opposto. Alma contemplativa, desarraigada do mundo, e absorta nas regiões mysticas d'onde a muito custo desce, a terra apparece-lhe como desterro, como valle de lagrimas, porque a sua verdadeira patria começa além do tumulo, na immortalidade!

Vivia todo dentro da sua cella sem saudades de mais nada, entre os livros, entregue á meditação e aos exercicios espirituaes.

A vaidade não tinha entrada n'aquelle peito. Sincero e crente, as suas paginas respiram só verdade, mesmo quando, por credulas, admittem o erro e o engano.

Se illude é porque o illudiram, ou se illudiu a si.

O que aconselha, e reprehende, brota-lhe da consciencia; e julgar-se-ia reprovado se acaso sacrificasse o mais leve escrupulo ao desejo de deslumbrar, ou de colher louvores.

Vieira pelo contrario. Nunca se esquece de si, nem dos que o cercam. Se falla recolhido no interior da cella é para dominar com mais auctoridade. Se atravessa os mares e as tempestades, e busca os trabalhos, arrostando com as injustiças e perseguições, leva sempre a vista no que dirá o mundo, e na admiração que grangeia.

Exaltando a gloria de Deus, sustentando os principios religiosos e moraes, e celebrando as prosperidades do estado e as do instituto de Santo Ignacio nunca pode consigo tanto, que olvide a propria fama, ou que deponha os aggravos, e os jubilos pessoases.

Nas cartas familiares, onde o homem se revela sempre mais, é facil de penetrar as inquietações, a contradicção perpetua, e a perenne lucta d'aquella alma, de certo uma das maiores de Portugal.

Nos sermões, a verosimilhaça e a verdade não o detêm e sobre argucias, e ás vezes sobre puerilidades, arroja a eloquencia, e compraz-se no estrepito dos applausos, arrancados a preço de perigosos abusos de talento, e de ruins exemplos para a religião e para as letras.

Com opposições taes de indole, de vida e de doutrina como haviam de encontrar-se? O estylo é o homem; e os auctores, por mais que se disfarcem, não são senhores de impedir que a phrase lhes escape, e que as idéas os atraçoem; sem o quererem retratam-se; um instante de descuido basta para os descobrir.

Sendo tão diversos em que podia Bernardes imitar Vieira? No gosto? Vê-se que não!

Nas tendencias para brilhar pela originalidade da invenção, da palavra, e do desenho? Nem sombras!

Na contextura do periodo, no verniz da lingua, e no cunho da phrase? Nem Bernardes, tão opulento de si, carecia de pedir emprestado o que possuia como poucos, nem o exame rigoroso dos seus escriptos auctorisa a conjectura, quanto mais a affirmação.

É como se dissessem de Vieira que se moldára pelo exemplar de Fr. Luiz de Sousa ou de João de Barros!

Escretores do vulto dos dous religiosos não mendigam, nem obedecem servilmente. Enriquecem-se pelo estudo, additam os thesouros adquiridos no trato dos bons poetas e prosadores com a convivencia dos doutos, e depois de seguros das posses, e de conscios das forças, marcam as suas paginas com a expressão particular e pessoal, que é a alma do estylo, e o typo da individualidade.

É em Bernardes o estylo não se confunde, nem revela as indecisões timidas do copista, ou do no-

viço ao encetar a carreira, pouco certo ainda dos passos.

Nas suas obras predomina o profundo affecto e o vivo imaginar. O jubilo, o terror, a esperança e a serenidade reflectem-se nos seus quadros com a luz propria, na proporção conveniente, e quando o assumpto os chama.

Por mais variados que debuxe os seus paineis nunca mistura as cores, e as gradações não se confundem. Quer suba ás esferas superiores nas azas da contemplação, quer pouse na terra meditando, quer mergulhe até ao fundo dos abysmos para trazer exemplos espantosos, a natureza e a vida, os prodigios e os horrores, são representados com a propriedade e viveza que a pintura exige.

Nos esbocetos de costumes as suas narrações tomam uma graciosidade infantil, que enleva. Nas anedotas prazenteiras acha-se o sal de uma malicia innocente, que é picante, mas não queima.

Não ha assumpto a que não applique, discretamente, e com regra, as tintas e o claro escuro opportuno, e que não varie com a maior naturalidade. A sua paleta ministra-lhe toques apropriados a todas as delicadezas e a todas as transformações.

Se de uma vez desejaes admirar os melhores paineis do mestre, collocados em exposição adequada, a *Livraria Classica* do sr. Castilho vol-os offerece, collegidos em sete pequenos volumes, de facil e recreativa leitura.

É uma galleria de amador, na qual os olhos não se causam de ver e de applaudir.

Quem estimar as narrativas dramaticas, em fundo historico, encontral-as-ha nas *Maravilhosas Conversões de Philemon e Ariano* (1), extrahidas de paginas 51 do tomo I da *Nova Floresta*, assumpto fecundo, e talhado para convidar a phantasia do romancista. E a par d'este outros quadros igualmente bellos, como *A Conversão de S. Pedro Publicano* (2), *Os Setenta Conselhos* (3), *A Conversão de Santo Ephrem* (4), e o *Bispo tornado a Escravo* (5).

Os que preferem pinturas de costumes não sairão descontentes depois de gostarem, em esbocetos primorosos pela viveza e simplicidade, os trechos intitulados *Gallé dos Mundanos* (6), *Vaidades Femenis* (7), *Arrebiques de Cortezãos* (8), *Cellas de Freiras Levianas*, (9) e *Emprego de Tempo* (10).

Além do merito da composição todos elles offerecem preciosos subsidios aos poetas, ajudando-os a restituirem a physionomia obliterada das gerações passadas.

Nos limites da erudição, propriamente dita, o antiquario achará, os *Pharizeus* (11), os *Banqueteadores* (12), as *Grandiosas Edificações* (13), os *Grandes Homens Pequenos* (14), as *Grandezas de Roma Antiga* (15), não menos dignos de attenção.

No genero engraçado occorrem cheios de agrado os paineis tão finos pela ingenuidade chistosa do *Monge na Taberna* (16), do *Grão Lama* (17), de *Furtar a Ladrão* (18), do *Feitiço contra o Feiti-*

ceiro (19), dos *Oculos Moraes* (20), e da *Velhacaria Santa* (21).

Parece-vos já a variedade infinita, e o desempenho cabal? Observae mais, e com pausa, e depois direis!

O mesmo pincel, que vos trouxe enlevados do maravilhoso para o comico, e da gravidade archeologica para a intimidade familiar dos costumes, depressa, mudando as cores, e transformando-se, ensaiará novos e mais arduos assumptos.

Quereis singeleza amoravel, e uma graça toda innocencia e mimo? Olhae, e achareis a *Castidade de Santa Ermelinda* (22), *Os Dous Amantes* (23), *Necessidade e Appetite* (24), *Amar o Amor* (25), *As Flores Milagrosas* (26), *Rende-te Coração* (27), *Justo e Pastor* (28), e quantos mais!

Acabastes ali de contemplar? Passemos adiante. É já outro genero. São as scenas cujo tecido dramatico a imaginação meridional sempre ambicionou, e que aviventam as tradições da idade media, allumiadas d'aquella meia luz, confusamente tirada dos reflexos da fé e da superstição, abraçadas na mythologia popular.

Mysteriosas, sombrias, e repassadas de terror e anciedade, disputam em novidade e interesse a competencia ás mais notaveis apontadas em Matheus Pariz, e outros legendarios.

O *Flautista Impio* (29), o *Testamento do Inferno* (30), a *Lenda dos Bailarins* (31), o *Concilio dos Mortos* (32), o *Abrço do Morto* (33), *A Noiva do Diabo* (34), *O Conto dos Tres Beijos* (35), e o *Palacio Encantado* (36), escolhidos entre muitos, provam o colorido incomparavel de Bernardes como produtor.

O que mais espanta em pintor tão dextro é o que a respeito d'elle consta por noticia vaga. A sua memoria foi muito fraca, e só á força de trabalho conseguia apurar a profusa erudição dos seus escriptos! Em critica mostra-se pouco sagaz, e adopta as invensões da superstição, e até as lendas ridiculas como pontos dignos de crença.

O cuidado em distinguir a verdade da mentira, e a fabula da historia não o prendia nunca. Tudo recebia, e afeiçoava sem exame, não para enganar, mas illudido.

O grande merecimento, a prenda eminente que o recommenda, assegurando ás suas obras reputação duravel, é a graça, o vigor e a formosura da linguagem, e a rigorosa diligencia com que a castigava.

Não só ostenta pureza e correcção, como conserva sem eclipse a clareza, a sobriedade e escolha dos ornatos, e a propriedade dos vocabulos.

As palavras n'elle pintam o que exprimem com admiravel primor, e a elegancia de collocação e de distribuição da phrase é tal, que ainda não as vimos excedidas, e raras vezes igualadas.

A harmonia acode-lhe naturalmente, e os periodos sem violencia cáem-lhe da penna melodiosos, bem feitos, e em geral afinados pelo numero e rythmo conveniente.

(1) *Livraria Classica*, vol. I, pag. 22. (2) Vol. II, pag. 29. (3) Vol. III, pag. 73. (4) Vol. III, pag. 146. (5) Vol. III, pag. 133. (6) Vol. I, pag. 103. (7) Vol. I, pag. 108. (8) Vol. IV, pag. 49. (9) Vol. V, pag. 24. (10) Vol. VI, pag. 134. (11) Vol. I, pag. 6. (12) Vol. II, pag. 69. (13) Vol. II, pag. 82. (14) Vol. III, pag. 107. (15) Vol. V, pag. 25. (16) Vol. I, pag. 12. (17) Vol. I, pag. 138. (18) Vol. II,

pag. 5. (19) Vol. III, pag. 82. (20) Vol. IV, pag. 71. (21) Vol. V, pag. 17. (22) Vol. I, pag. 5. (23) Vol. I, pag. 16. (24) Vol. I, pag. 133. (25) Vol. V, pag. 50. (26) Vol. V, pag. 56. (27) Vol. V, pag. 82. (28) Vol. VII, pag. 11. (29) Vol. II, pag. 62. (30) Vol. I, pag. 64. (31) Vol. II, pag. 64. (32) Vol. II, pag. 75. (33) Vol. IV, pag. 7. (34) Vol. VI, pag. 76. (35) Vol. II, pag. 140. (36) Vol. V, pag. 71.

Este segredo, que encerra a summa delicadeza, e tambem a maxima difficuldade do escriptor, possuia-o Bernardes por vocação natural, e desenvolveu-o com o estudo dos bons modêlos.

Rica de sons distinctos e abertos, sem demasia de vogaes que a amollegam, e sem excesso de consoantes que a tornem aspera, a lingua portugueza presta-se como nenhuma á composiçã de uma prosa musical, que, em relações diversas, pode hombrar com o verso, lisonjeando o ouvido; mas para escrever assim não basta reproduzir as idéas em phrases claras e correntes, fugindo de falsos arrebiques; resta alcançar as qualidades rarissimas, que fazem a fortuna dos bons livros, salvando-os do esquecimento.

Preceitos não ensinam a compor uma prosa rica, afinada e agradável, na qual as graças da imaginação e os ardimentos do estylo se combinem com a elegancia e sobriedade casta. O ultimo grau de perfeição não se attinge senão depois de grande fadiga e de elaborada meditação. As bellezas não se transportam de idiomas estranhos, e não se criam no proprio, senão á custa de aturado estudo, e por meio de comparações e gradações melindrosas, em que só o gosto muito educado deixa de se confundir, ou de se enganar.

Entre as obras de Bernardes, Candido Lusitano prefere as *Meditações sobre os Novissimos do Homem*, e condemna as *Florestas*. Pelo contrario os auctores do Diccionario da Academia no seu catalogo não exceptuam as *Florestas* do elogio, com que honram os escriptos do douto congregado.

A sentença dos academicos passou em julgado por sisuda e verdadeira, em quanto a opinião de Freire attesta falta de tacto, ou ignorancia do livro que proscreeveu.

As *Florestas*, pela variedade dos assumptos, pelo calor, riqueza do estylo, e pelo copioso da dicção, foram, são, e sempre nos parece que hão de ser a mais lida, e mais propria para se ler das composições classicas de Manuel Bernardes.

Em nenhuma outra brilham com tanto agrado, nem se revelam com igual viveza os dotes do grande prosador.

Depois de citarmos os merecimentos, falta-nos apontar os defeitos.

Na mais vistosa tela ha sempre imperfeições, e escondel as, ou negal as equivale a cegar a razão, annullando a auctoridade do louvor sincero.

Bernardes, de certo, apresenta maculas, mas d'aquellas com que Horacio não se offendia.

Propende, como Vieira, para os trocadilhos e voltas de palavras; mas sem a insistencia que no jesuita determinava o habito vicioso.

Algumas vezes a concorrência de alguns vocabulos forma sons duros, e tautologias desapraziveis.

Nas conjugações dos verbos e na syntaxe, succede-lhe tomar o plural pelo singular, deixar a phrase sem regencia por ellipse, e pôr dous verbos, cujas acções se referem á mesma occasião, um em um tempo, e outro em tempo diverso.

Estas e outras incorrecções parciaes, e quasi imperceptiveis, indicadas pelo sr. Castilho, não toldam a pureza geral da linguagem, nem embaciam o lustre do estylo; mas devem ser advertidas para não arrastarem os incautos a imital-as.

A lingua portugueza na penna de Bernardes dobra-se a tudo, e reflecte os mais tenues cambiantes do pensamento, e da imagem que o desenha.

E singela sem ser rasteira, castigada sem ostentação de austeridade, opulenta e magestosa sem alarde de riqueza.

Aonde o pede a occasião, a palavra, a phrase e o periodo sobem ao sublime e ao grandioso com uma vehemencia, e ao mesmo tempo com uma facilidade, que fazem pasmar. Por detraz do assumpto, da scena, ou dos personagens não se percebe nunca o artificio do auctor.

Quem lê, e está pouco habituado a prescrutar os segredos da composiçã, persuade-se que todas aquellas paginas saíram logo assim, não se podendo limar, ou riscar-se nada. Tal é a propriedade, o nervo, e a elegancia desaffectedada dos termos! Entretanto, (como observamos) por isso mesmo que nos encantam á força de naturalidade é licito desconfiar de que não brotaram espontaneas. A graça que as anima não costuma ornar as obras dos poetas (porque Bernardes é tambem poeta na prosa) senão depois de muito requestada.

Com Vieira, Fr. Luiz de Sousa, Manuel Bernardes e D. Francisco Manuel, tudo o que a lingua portugueza sabe e pode, se patenteia ao estudioso.

No seu trato e combinação admiram-se as galas nativas do idioma, e as bellezas mais esquivas do latim, do italiano e do hespanhol, origens legitimas a que devemos recorrer em qualquer pobreza.

Meditem-se e comparem-se, e o gosto, descriminando o que ha de separar do que lhe cumpre admittir, formará um cabedal copioso, em que achará as formas, as cores e a expressão apropriadas para todos os objectos.

Sem se converter em copista servil, ou em imitador pueril, o escriptor dotado de engenho e de estylo deve aproveitar, tanto na conversação d'estes grandes mestres, como o bom pintor defronte dos quadros de Raphael e do Ticiano, ou o estatuario diante dos primores de Miguel Angelo e de Benvenuto.

Entre os numerosos prosadores distinctos, que illustram as nossas letras, os quatro que indicamos reunidos representam o conjunto de todas as qualidades eminentes, e o thesouro de todas as prendas necessarias para se fallar e escrever a lingua, não só esmerada e correctá, mas elegante, colorida e capaz de exprimir quanto a alma sente, e os olhos vêem dentro dos limites dados á palavra para retratar os sentimentos e as sensações.

É pelo menos a nossa opinião; e estamos longe do louco orgulho de a suppor um voto infallivel, ou uma sentença auctorizada. Expomos uma simples persuasão; e se alguma cousa desculpa a temeridade d'ella, é o cuidado que houve em não a formar de leve.

Como ensaio do que ha a colher-se em muitas das narrações de Bernardes escolhemos a *Conversão de Philemon e Ariano*, abrindo por ella, com as feições do romance actual, a serie de historias maravilhosas fundadas em pias crenças, ás quaes talvez um dia depois de colligidas ousemos pôr o titulo de **LEGENDARIO POPULAR**.

Respeitando o que a Igreja crê e manda acreditar, não nos julgâmos inhibidos de converter ás formas menos severas da novella as versões de milagres e de portentos contadas pelos auctores monasticos, mais poetas, e quasi sempre mais inventivos, do que os escriptores condecorados com o titulo official de ministros de Apollo, de pastores do Menalo, de bardos e ménestreis; ou como na chancellaria das musas em direito melhor fôr.

A narração de Bernardes, pelos prodigios que descreve, e circumstancias que aponta, lavra sobre o fundo circumspecto das *Acta Martyrum Sincera* de Reinart uma completa lenda, em que a imagi-

nação deve mais á crença do povo, e a vagas tradições, do que a relações historicas sisudas.

O mesmo jus nos assiste para com diverso fim alargarmos o painel, decorarmos a scena, e darmos quanto possivel aos personagens a physionomia e os costumes do tempo, e ao mesmo passo o caracter que requer a grandeza da lucta, entre o paganismo expirante e o christianismo ainda perseguido, mas já proximo da victoria, que a sua doutrina de amor e de esperança, e as promessas de Jesus desde o principio tinham assegurado aos seus fieis.

Sabemos que a execução ficará inferior ao assumpto; mas com isso nem perderá o engenho com que Bernardes urdiu a sua lenda, nem ao genero será imputada a culpa alheia.

Os *Martyres* de Chateaubriand ahí estão de pé, como verdadeiro monumento da arte moderna, para dizerem o que o estro de um poeta sabe crear, interpretando uma grande epocha.

A missão do legendario é mais humilde, porém as liberdades compensam de algum modo o que lhe falta.

Mera tentativa, o nosso esboço não caíndo de todo enceta um caminho amplo e rico de perspectivas novas que outros enobrecerão; e atraçoando as forças, assignala ao menos os primeiros escolhos, avisando os que vierem depois para se acatellarem mais, fugindo de illusões perigosas.

L. A. REBELLO DA SILVA.

DESCRIPÇÃO E RECORDAÇÕES HISTORICAS DO PAÇO E QUINTA DE QUELUX.

It is in vain to take notice of things if
we take none of men.

BACON.

Ce n'est pas seulement l'histoire de
l'art qu'on peut apprendre en contem-
plant les monumens nationaux, c'est
l'histoire du pays même que nous ap-
prenons en parcourant ces depouilles
opimes enlevées aux vieux temps.

RAOUL ROCHETE.

Eirene georgon kan petrais tresci calos
Polemos de kan pedio cacos efi.

MENANDRO.

A paz nutr'o colono, alinda as pedras:
A guerra até nos campos tolhe as medras.

Duas leguas ao noroeste de Lisboa, indo pelo valle ameno e povoado de quintas, que entre collinas e vergeis alegres se estende para a parte da serra, onde os antigos fingiram que descansava o sol, e a que deram o nome de *Promontorio da Lua* (1), e pouco desviado do ponto, em que a estrada se divide em duas, uma que corta por Bellas, fresca de rio e de arvoredo, para Mafra, e outra que corre para Collares e Cintra, fica escondido atraz do recosto da Porcalhota o real sitio de Queluz (2). Dei-

(1) A' serra de Cintra, que, segundo alguns auctores, foi assim chamada por um templo, que ali havia, dedicado a Diana, que na mythologia é tambem denominada Cynthia, deram os antigos romanos os diversos nomes de *Hierna*, *Promontorio Magno*, *Olissiponense*, *Artabro*, e finalmente de *Monte da Lua*.

(2) Em 1804 foi Queluz elevada á cathgoria

xando a estrada pouco antes d'aquella divisão, e tomando á esquerda pela quebrada do outeiro ou assomada, entra-se na longa avenida de alterosas tilias, que coleando entre vargens cingidas de montes coroados de moinhos, se prolonga por uma ponta até ao pé do alto de mimosa e dilatada vista, onde magestosamente se ergue o paço da Ajuda, e vae quasi tocar pela outra extremidade a grande portada de ferro da deleitosa quinta, que vou pintar n'este artigo. Dos lados d'esta nobre entrada ha duas serventias, uma, que pela direita, e ao longo do muro coberto de hera, e assombrado com freixos, alfarrobeiras, e loureiros, dá passagem para Queluz debaixo, Barcarena, Laveiras e Caxias dominando a enseada, onde o Tejo mistura suas aguas com as do Oceano, e outra que em forma de rampa, dá subida folgada para o terreiro onde está situado o paço de Queluz. Jaz este, d'antes povoado, e hoje ermo cortezão, n'um como fundo de alguidar, cujas bordas são formadas da banda do norte pelos cabeços de Monte Abrahão, Mira, Villa Cham, e Dona Maria; do sul pelas serras de Linda Velha (3) e Carnaxide; do nascente pelo monte de S. Braz, e do poente pelas alturas de Venda Secca, e de Ponte Pedrinha. Mas se a natureza com negar a este sitio real uma vista larga e desabafada fez que as mesmas montanhas, que o affrontam, preches de grossas fontes, o alegrem e fertilizem com uma verdura e frescura constantes, tambem a arte, que deixou violar as suas leis na frente do edificio, ou antes do aggregado de casas sem symetria nem plano, que olha para o terreiro, compensou amplamente esta falta de harmonia e unidade architectonica com a perfeição e grandeza, que se admira no interior de muitas de suas peças, e com a bella fachada que, traçada pelo molde das formosas villas romanas, deita para o magnifico e vistoso jardim.

Quando, ha vinte annos, tratei de escrever esta noticia, que algumas pessoas me impellem agora a publicar, uma das primeiras diligencias, que fiz, foi indagar a origem do nome de Queluz; mas o que só pude colher de dous sabios etymologistas, o sr. bispo conde, depois cardeal patriarcha, D. Francisco de S. Luiz (que me deu muitos subsidios para esta memoria), e do sr. Fr. José de Santo Antonio Moura, a quem consultei sobre este ponto, foi que aquelle nome não era, como muitos de outras povoações circumvisinhas de Lisboa, derivado das linguas orientaes e africanas: cifrando-se os apontamentos que de outras pessoas, tambem mui investigadoras de origens, eu pude alcançar na asserção feita depois de muitas e mui attentas pesquisas, de que o nome de que se trata appareceu pela primeira vez na instituição do vinculo, que em fins do 16.^o seculo duas pessoas, de quem adiante fallarei, instituiram de

de villa, e dous annos depois vieram ali officiaes engenheiros marcar o terreno onde se havia de edificar a igreja matriz e a casa da camara. Com a saída porém da familia real para o Brazil ficaram estes trabalhos suspensos; e posteriormente foram mandadas arrancar as balizas em consequencia de ordens vindas do Rio de Janeiro.

(3) Este nome proprio, e o de *Linda Pastora*, pareceram aos meus doutos amigos o cardeal patriarcha os srs. D. Francisco de S. Luiz, e Francisco Manuel Trigoso, mais acertados que os de *Linha ou Ninha a Velha*, e *Linha a Pastora* que o vulgo ignorante dá áquelles sitios, e que um aliás illustrado artista escreveu nas suas bem interessantes memorias sobre os pintores e estatuarios portuguezes.

mão commum no terreno, de que trato, o qual segundo a tradição era então um matagal, por onde se não podia ir seguro.

Está Queluz no territorio, que fica entre Lisboa e sua costa maritima, tendo por seus primeiros habitantes os turdulos, povos da Betica, ou antiga Andaluzia, visinhos dos turdetanos, com quem alguns os confundiram, os quaes tiveram letras, livros, poesia e philosophia muito antes da Grecia, florescendo ao mesmo tempo entre elles as boas artes, e o commercio pelas muitas communicações, que tinham com os Fenicios, (1) inventores da escriptura, ou pelo menos seus primeiros propagadores na nossa Peninsula: e que como estes, depois de serem longo tempo poderosos e livres, se submeteram a um jugo estrangeiro, debaixo do qual perderam liberdade e lingua; posto que se ignore, qual fosse a que fallaram estes primitivos habitantes das margens do Tejo, assim como os que depois da dispersão d'estes se lhes seguiram até a occupação dos romanos, dos quaes restam ali muito poucos vestigios.

Têm os habitantes d'aquelle espaço que occupa quatro leguas em roda d'esta capital o nome de *saloios*, *caloios*, voz de origem arabica, que alguns entendem que se deriva de *Salé*, cidade maritima do reino de Marrocos, crendo tambem que d'ali fossem mandados vir povoadores para estes sitios. Eu duvido d'esta etymologia, porque não ha razão alguma plausivel que me mova a crer que para tal colonia viesse gente enviada de similliantê parte, nem é verosimil que os nossos reis chamassem em tempo algum a casta mourisca para morar em Portugal, e mui principalmente nas immedições da metropole.

Sabemos que, tendo el-rei D. Affonso Henriques conquistado esta capital em 1147, e consecutivamente um grande numero de castellos da Extremadura; e conhecendo quão importante era prover á povoação e cultura das terras, sem o que mal se poderia sustentar tamanha conquista; um dos meios que empregou para conseguir este fim foi o de consentir que os mouros, que habitavam os arredores de Lisboa, e outros muitos logares d'aquella provincia, ficassem tranquilamente aldeados nas suas povoações, pagando ao seu novo soberano o que d'antes pagavam aos seus nacionaes, e vivendo debaixo das leis portuguezas, e á sombra da mais razoavel e benigna tolerancia.

O mesmo rei deu, alguns annos depois, a estes e a outros o foral, que ainda se compilou nas ordenações affonsinas, e o mesmo favor gosaram outros muitos de diversas terras da referida provincia; politica que, um seculo mais tarde, adoptou el-rei D. Affonso III com os mouros do Algarve, e que vinte e sete annos depois foi imitada pelo sabio rei D. Diniz.

A vista do que acabo de referir parece muito mais provavel a conjectura de que o nome de *saloios* se daria áquelles mouros que habitavam os contornos de Lisboa com respeito a alguma particular distincção, talvez religiosa, pela qual se suppozessesem elles oriundos de alguma mais honrada tribo (2).

(1) Phœnices primi, famæ si creditur, ausi
Mansuram rudibus vocem signare figuris.
LUCANUS, PHARS. lib. III, 220.

C'est de là qui nous vient cet art ingénieux
De peindre la parole et de parler aux yeux.
BRÉBEUF, PHARS. lib. III.

(2) Esta conjectura, que mereceu a approvação dos meus illustres amigos os srs. cardeal patriarcha D.

É notavel que só nos contornos de Lisboa tomassem os mouriscos a denominação de *saloios*; e diz o precitado Miguel Leitão de Andrade na sua mencionada «Miscellanea» que os que ficaram conservando aquelle nome não desmentem a barbaridade da sua origem. Acho algum tanto barbara esta asserção, porque a luz do christianismo, e o trato e alianças que aquella gente foi tendo com a do paiz, de tal modo adoçaram os seus costumes, que já no reinado d'el-rei D. Affonso III deu ella á toga e á mitra um dos seus maiores ornamentos em D. Domingos Annes Jardo, que da ribeira onde safu á luz teve o segundo sobrenome, doutor em theologia e direito canonico, chanceller-mór do reino, successivamente bispo de Evora e de Lisboa, e um dos prelados que, n'aquella idade de atrazo e de caliginosas sombras, concorreram com os seus cuidados e cabedaes para a fundação da nossa Athenas, que alguem quiz alluir n'este seculo de luzes e de progresso: sendo mui interessantes as noticias que os nossos escriptores dão, e as observações críticas que colhi de um dos mais conspicuos do nosso tempo, (3) acerca d'aquelle varão, que, ao sair da puericia, foi, por um feliz destino, levado da obscura choupana paterna para a nascente e já brilhante escola da Sorbonna; fazendo tambem o acaso que, na sua ainda mui inferior condição de estudante, fosse em París conhecido do principe que o empregou depois de voltar como elle á patria, e que, no auge da sua fortuna, se fizesse o reconhecimento d'elle e sua mãe, a quem a sua piedade amparou em quanto viva e honrou depois de morta. Gloriam-se não menos os *saloios* de ter tido igualmente por conterraneos os dous illustres navegantes Gonçalo e Pedro de Cintra, que do seu berço tomaram o appellido; o grande arcebispo primaz D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, nascido de paes humildes no pequeno logar da Terrugem; e o sabio archeologo Jeronymo Contador de Argote, natural de Collares: passando de cem os homens de talento para as sciencias, para as letras, e para as bellas-arts, que desde meado do seculo passado produziu aquelle circuito, onde, quando ali esteve por mais de meio seculo a côrte, nasceram dous reis, dous principes, uma princeza, um infante, e sete infantas de Portugal (4). São os *saloios*, em geral, esquivos e grosseiros no trato, e tão astutos nos seus negocios, como tenazes nos seus sentimentos, propositos e habitos: e, tendo elles impressa em suas feições a marca com que a natureza sinalou a raça d'onde elles provém, formam estes *arabes christãos*, ou *mouros baptizados*, uma casta sepa-

Francisco de S. Luiz, e Francisco Manuel Trigoso, acha-se, em certo modo auctorizada por Miguel Leitão de Andrade na sua Miscellanea do sitio de Nossa Senhora de Pedrogão Grande, e por D. Raphael Bluteau no seu Diccionario da Lingua Portugueza, artigo *Saloio*.

(3) O sr. cardeal patriarcha de Lisboa D. Francisco de S. Luiz.

(4) Os srs. D. João VI e D. Pedro IV, o primeiro nascido na Ajuda e o segundo em Queluz: Os srs. D. José e D. Antonio, nascidos o primeiro na Ajuda e o segundo em Queluz: a sr.^a D. Maria Thereza nascida na Ajuda: o sr. D. Miguel, nascido em Queluz: as sr.^{as} D. Marianna Victoria, D. Maria Dorothen, nascidas na Ajuda, D. Maria Isabel, D. Maria Francisca, D. Izabel Maria, D. Maria da Assumpção, e D. Anna de Jesus Maria, as seis primeiras nascidas em Queluz, e a ultima em Mafra.

rada da outra gente do campo (1), conservando nos nomes da maxima parte das suas terras, de seus rios, e de suas serras, vozes das linguas orientaes e africanas, as quaes juntas ás muitas que o nosso idioma contém, e com que damos a conhecer copia de objectos e productos naturaes, e outras muitas cousas correlativas da vida e artes camponesas, comprovam mais sensivelmente n'este rosto ou cabo do occidente, junctado de reliquias da architectura que se seguiu á Bysantina, a sua filiação arabica e mourisca (2).

A boa saude, robustez e longevidade dos saloios podem ser attribuidas, não menos do que ao seu temperamento, e á vida regularmente laboriosa que levam, aos ares puros que respiram, sobre tudo os que habitam na proximidade do mar; não se devendo imputar ao clima, mas á proverbial e inflexivel negligencia da auctoridade, a quem cumpre remover causas, que mui bem se podem tirar, da insalubridade de certos sitios, as febres intermitentes que de tempo immemorial devastam varias localidades, como o Tojal e Friellas, nas quadras do verão e outomno, e que todos sabem que são nem podem deixar de ser procedidas dos miasmas que saem das aguas estagnadas e das terras pantanosas, que ha perto d'aquellas povoações: passando geralmente por mui sadio o sitio de Queluz, onde, durante a invasão que a cholera-morbus fez, de 1832 a 1833, n'este reino, foram mui poucos, e quasi todos curaveis, os casos que ali houveram d'aquelle terrivel flagello.

(Continúa.)

MARQUEZ DE REZENDE.

A INSTRUCCÃO DOS HABITANTES DOS CAMPOS
EM WURTEMBERG.

No WURTEMBERG o edificio da escola é de ordinario o mais commodo de cada aldêa; e não poucas vezes o unico notavel d'ella pela sua elegancia. Um mestre primario ganha o ordenado de 200\$000 reis, pouco mais ou menos; o que permite escolher os mestres entre pessoas esclarecidas, a quem se garante uma occupação honrosa e isenta de privações.

A instrucção é obrigatoria até os quatorze annos. Uma junta de pessoas conspicuas fiscalisa rigorosamente a assiduidade dos alumnos; os paes respondem pecuniariamente pela exactidão de seus filhos. Por occasião do recrutamento verifica-se se os recrutados tem adquirido os necessarios conhecimentos; e os paes são igualmente responsaveis quando seus filhos não sabem escrever correctamente. Assim não ha camponio nem criada de servir que não saiba ler, escrever e contar com perfeição.

O traje das mulheres, posto que singelo e acieado, revela muitas vezes a pobreza; o seu regimen é de uma sobriedade tal que toca as raias das privações; mas todas têm uma instrucção igual, e a sua intelligencia um desenvolvimento perfeitamente conforme áquella instrucção.

A educação n'aquelle paiz parece ser tão perfeita como a instrucção primaria. O amor do povo, o zêlo phylanthropico mais esclarecido e mais desinteressado parecem presidir a todas as acções das classes ricas do Wurtemberg: em nenhuma outra terra o amor do proximo se pratica tão geralmente com tanta affabilidade e com tanta franqueza. Em parte nenhuma as classes laboriosas são mais serviçaes e mais respeitadas. Em parte nenhuma a moralidade é mais severa. Finalmento os wurtemberguezes são profundamente religiosos; mas a sua religiosidade é tão tolerante como sincera.

O governo contribue efficazmente para este resultado pela severidade inexoravel com que vigia o procedimento dos funcionarios e dos magistrados, e pelas leis que punem os grosseiros habitos dos homens ignorantes.

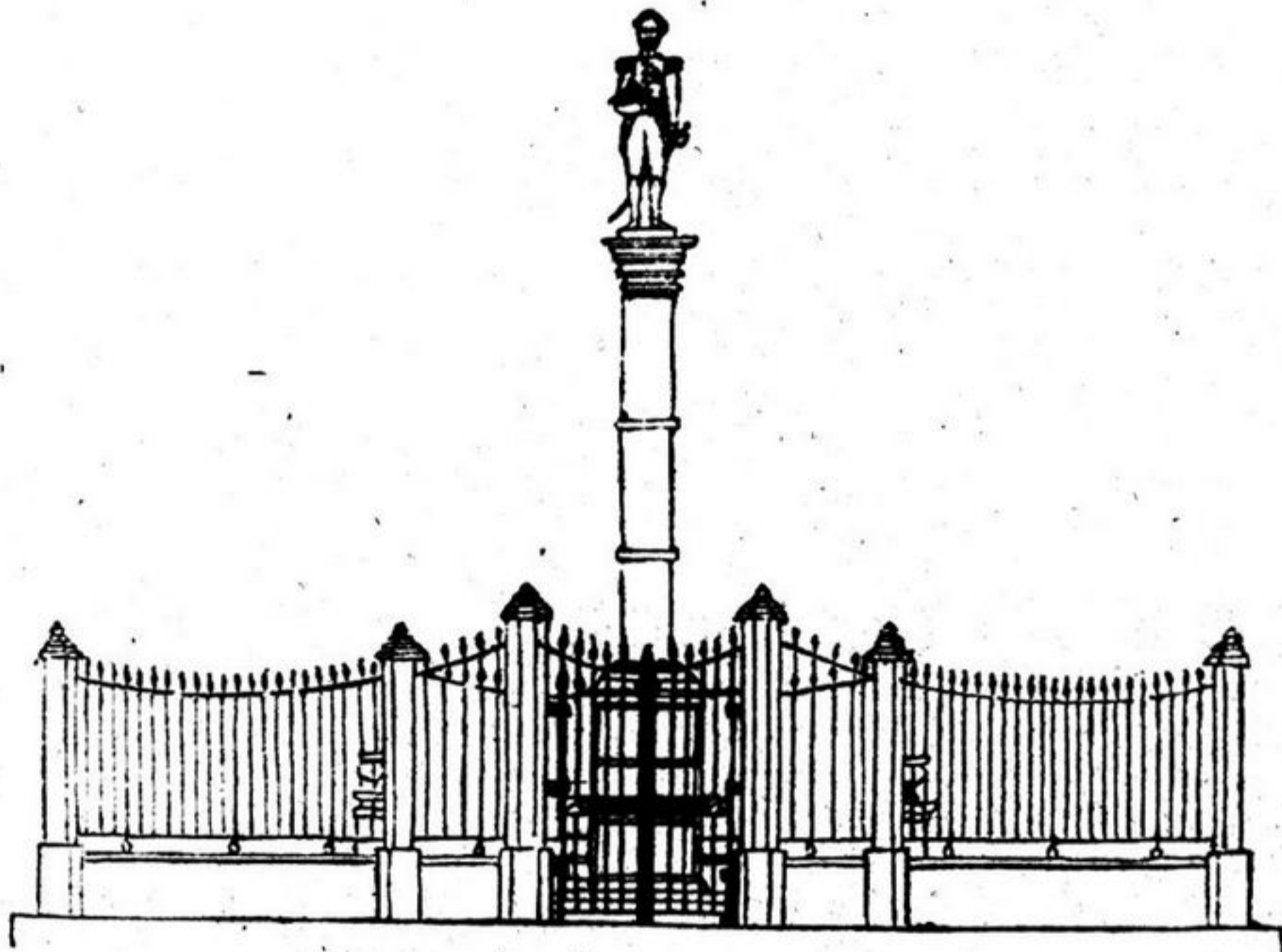
Os animaes são tratados com carinho e solitudine.

agua: *Azequia*, préza para regar as terras: *Azoja*, lugar: *Baldio*, terra inculta: *Barcarena*, lugar: *Barrio*, idem: *Baldroegas*, hortaliça: *Batuaria*, lugar: *Bisnaga*, herba: *Bollota*, fructo: *Beringela*, idem: *Buxo*, arbusto: *Cubana*, casa rustica: *Cacem*, lugar: *Calhau*, pederneira: *Carnachide*, lugar: *Carnide*, idem: *Cazelas* idem: *Ceifar*, cortar o trigo maduro: *Celga* ou *Acelga*, hortaliça: *Colmeal*, numero de colmeias: *Espinafre*, hortaliça: *Estopa*, o grosso do linho: *Gado*, numero de animaes que pascem: *Laranja*, fructo: *Limão*, idem: *Mafra*, villa: *Maquia*, medida de grãos e farinhas: *Medronheiro*, arvore: *Meças*, lugar: *Mira*, monte: *Mocifal*, lugar: *Mofacem*, idem: *Narcizo*, flôr: *Neyaga*, passaro com cujo reclamo se chamam outros: *Nora*, maquina para tirar agua dos poços: *Quinta*, fazenda: *Rez*, cabeça de gado: *Rezina*, humor oleoso que distillam as arvores; *Romãa*, fructo; *Safio*, pelxe; *Saramago*, herba; *Seára*, a sementeira de trigo em quanto está em pé no campo; *Sega*, certo ferro do arado; *Seira*, *Seirão*, *Seirinha*, vasos de esparto; *Tabefe*, leite engrossado ao lume com leite e ovos; *Tagarro*, lugar; *Tamara*, fructa; *Tamarindo*, idem; *Touro*, boi novo; *Tulipa*, flôr; *Tremçoço*, especie de legume; *Vaca*, a femea do boi; *Zaracatoa*, herba medicinal.

(1) O abbade José Corrêa da Serra, que deu aquelles dous epithetos aos habitantes dos arredores de Lisboa, com a mesma propriedade com que chamou *Mozzarabe* tudo o que é relativo ao culto dos christãos de Hespanha que descendem dos mouros e sarracenos, e *Adscititi Arabes*, arabes adoptivos, aos christãos de Africa e de Hespanha sujeitos aos mouros, encontrando um saloio conhecido pelo nome de *João Captivo*, que havia estado e fallava muito em Argel, e que tinha todas as formas mouriscas, perguntou-lhe se elle havia sido *captivo lá*, ou se era *captivo cá*.

(2) Como a etymologia é tambem uma antiqua-lha espero que os meus leitores não levarão a mal que eu lhe dê um pequeno logar n'esta noticia, apontando em proya do que digo os seguintes nomes, tirados dos «Vestigios da Lingua Arabica em Portugal, por Fr. João de Sousa, augmentados e annotados por Fr. José de Santo Antonio Moura.» *Abrãa*, lugar: *Achada*, serra: *Achete*, lugar: *Açucena*, flôr: *Albarraque*, lugar: *Albeaga*, idem: *Albricoque*, especie de damascos: *Alcabideque*, lugar: *Alcachofra*, fructo: *Alcainga*, lugar: *Alcanina*, idem: *Alcanega*, idem: *Alcanede*, idem: *Alcanena*, idem: *Alcolena*, idem: *Alecrim*, arbusto: *Alface*, hortaliça: *Alfaqueque*, lugar: *Alfarroba*, fructo: *Alfazêma*, planta: *Alfeizirão*, lugar: *Alfogueira*, idem: *Algar*, idem: *Algobeila*, idem: *Almargem*, idem: *Aloc*, planta: *Alpedriz*, lugar: *Alquidam*, serra: *Alvalade*, aldêa: *Alvarraque*, idem: *Alviella*, idem; *Ameixas*, fructo: *Anafil*, aldêa: *Anemona*, flôr: *Algés*, lugar e rio: *Arrifana*, lugar: *Arroz*, grão farinaceo: *Arzêa*, lugar: *Assafora*, idem: *Assameça*, idem: *Assoeira*, idem: *Alafóna*, engenho ou machina de moer trigo, posta em movimento á mão, ou por bestas: *Alaija*, lugar: *Alalaide*, idem: *Azarolas*, fructo: *Azedia*, lugar: *Azcitonas*, fructo: *Azenha*, moinho de

Os instrumentos aratorios são em geral optimos, mormente a charrua e o arado; os trabalhos executam-se com intelligencia, methodo e celeridade. E á instrucção primaria bem organizada e bem entendida que se deve este desenvolvimento intellectual e moral das classes laboriosas.



MONUMENTO DE GOMES FREIRE.

Um singelo monumento recorda hoje ao exercito portuguez os feitos e o infortunio de um dos seus melhores generaes.

Pertence a outro general portuguez, o sr. barão da Victoria da Batalha, a gloria da iniciativa e da execução de um pensamento eminentemente nacional, como foi pagar o devido preito de veneração ás egregias qualidades, que distinguiram um personagem illustre, sacrificado barbaramente a mesquinhas paixões politicas.

Gomes Freire d'Andrade, filho de Ambrosio Freire d'Andrade e Castro e da condeça Isabel de Schafgoch, nascêra em Vienna d'Austria aos 27 de janeiro de 1757.

Na campanha dirigida pelo general russo Potemkin contra os turcos tornou-se notavel o seu extraordinario valor e habilidade, cobrindo-se de gloria nos tamosos círcos de Oczakow e Ismail. Fez, com geral applauso, a campanha do Roussillon. Militou sob o estandarte do imperio francez. Depois da paz de París regressou a Portugal. As suas opiniões decididamente liberaes, e quiçá a sua indisputavel superioridade e influencia, o apontaram á vingança do poder, sendo em 1817 prezo como se fôra um grande criminoso, conduzido á torre de S. Julião da Barra, e ali justicado a 18 de outubro do mesmo anno.

No sitio em que teve logar a execução foi que o sr. barão da Batalha fez erigir a elegante memoria que a nossa gravura representa. N'ella se lê a inscripção seguinte :

A' MEMORIA
DO
DISTINCTO E ILLUSTRÉ
TENENTE GENERAL
GOMES FREIRE D'ANDRADE
VICTIMA
EM
1817.
O SEU ADMIRADOR
BARÃO DA VICTORIA DA BATALHA

GENERAL E GOVERNADOR
DA PRAÇA DE SÃO JULIÃO DA BARRA
LHE MANDOU LEVANTAR ESTE MONUMENTO
COMO LEMBRANÇA DO EXERCITO
NO
ANNO DE 1853.

Sobre a porta do lobrego carcere, em que jazeu o desventurado general até ser arrastado ao patibulo, mandou o referido sr. barão gravar as quadras, que em seguida copiámos.

I.

Estes são os ferrolhos que viram
Gomes Freire na prisão encerrado,
Estas são as paredes que ouviram
De seu peito o gemer abafado.

II.

Foi aqui onde magnas crueis
Sobre a sorte da Patria sentia,
Foi aqui onde a Patria liberta
Que em mil sonhos feliz concebia.

III.

E d'aqui por cruel despotismo
A morrer o heroe foi levado ;
Mas morreu qual sempre vivêra
Como heroe portuguez e soldado.

SÁ MAGALHÃES.

No 9.º volume d'este semanario, primeiro da presente serie, encontra-se o retrato, e a biographia de Gomes Freire, escripta pela fluente e correcta penna do sr. Rodrigo Felner: n'ella encontrará o leitor curioso quantas noticias e informações poderia desejar sobre a vida, gloriosos feitos, e desastroso fim d'aquelle infeliz general.